

A Carta de Dom Isaac Abravanel ao Conde de Faro

Herman Prins SALOMON

(Universidade Estatal de Nova Iorque, Albany)

*A Suas Altezas D. Duarte Pio e D. Isabel
de Herédia, Duque e Duquesa de Bragança*

Foi com o maior prazer que ofereci, em Nova Iorque, no dia 4 de Outubro de 2001, a Dom Duarte Pio, Duque de Bragança, e que agora ofereço aos leitores dos *Cadernos de Estudos Sefarditas* da Cátedra Alberto Benveniste, a minha transcrição (actualizadas apenas a ortografia e a pontuação) da belíssima epístola de teor filosófico inspirada pelo falecimento de Dom Sancho de Noronha, primeiro Conde de Odemira. A carta foi dirigida, por volta de 1470, por Dom Isaac Abravanel ao seu íntimo amigo Dom Afonso, Conde de Faro, terceiro filho do segundo Duque de Bragança.

Em 1461 morre o primeiro Duque de Bragança, legando a sua função e título ao filho Fernando. A influência que este segundo Duque de Bragança desempenhou na Corte ultrapassou a do pai. Foi com ele, e seus filhos, que Dom Isaac Abravanel (Lisboa 1437-Veneza 1508) estabeleceu laços de profunda amizade.

Uma indicação da relação excepcionalmente íntima que existia entre Dom Isaac e a Casa de Bragança encontra-se nesta carta escrita em português, que Abravanel dirigiu ao Conde de Faro na ocasião da morte do sogro deste último, o Conde de Odemira. Entre o desaparecido e o seu genro existia uma afeição fora do comum. Além disso o riquíssimo e poderoso Conde de Odemira tinha feito do genro o seu único herdeiro. Dom Afonso relevou a extensão do seu desgosto numa carta a Abravanel que não chegou até nós, mas cujo teor conhecemos pela resposta que suscitou, que inclui considerações filosóficas sobre a morte em geral e sobre a repercussão emocional da vida e da morte deste muito amado parente e benfeitor. Embora não datada, esta resposta deve ter sido redigida pouco depois da morte do Conde de Odemira, que ocorreu em 1470 ou 1471, quando Abravanel tinha cerca de 33 anos. O texto é uma pequena jóia da prosa portuguesa do século XV.

Cadernos de Estudos Sefarditas, nº2, 2002, pp. 135-140

Desconhecemos o paradeiro da carta original de Abravanel (talvez se encontre nos arquivos da Casa de Bragança), mas dispomos de duas cópias manuscritas que são decerto da mesma época: uma na Biblioteca Nacional de Lisboa, a outra na Biblioteca Pública de Évora.

Na carta não passam de três palavras arcaicas ausentes dos mais recentes dicionários. Tal como surge agora na minha transcrição, este ensaio complexo escrito há 531 anos apresenta-se lícido e de leitura amena.

Carta que mandou o Barbanel ao Conde de Faro sobre a morte do Conde de Odemira, seu sogro¹ [c. 1470]

Bem assim como nos princípios das enfermidades os remédios das medicinas² não prestam, nem a natureza a elas obedece, assim enquanto está fresca a paixão da morte dos dívidos³ não se devem⁴ apresentar as consolatórias palavras, porque com a força da dor e sobejo nojo não podem ser recebidas. Lê-se em Job (2,13) que seus companheiros quando o vieram consolar e o acharam tão trabalhado, lhe não falaram sete dias e sete noites nem somente⁵ uma palavra enquanto a dor era grande, até que ele começou a⁶ falar seu negócio.

E eu, Senhor, assim temendo de neste⁷ trabalho escrever a Vossa Senhoria, nem me sentindo abastante para vos nele saber⁸ aconselhar, deixei passar os dias primeiros de vosso nojo. E ora que vossa carta vi, tive lugar para sobre isso escrever a Vossa Senhoria como em mim cabe, posto que não seja como devia. Como muitos creram e eu mui certo sei, mui magnífico Senhor, haverá⁹ havido em vosso nobre e humano coração maior lugar a dor e sentimento da morte do ilustre Conde vosso padre¹⁰, que a nova glória da sucessão e honrada herança

¹ Existem dois apógrafos (Bibl. Publ. de Évora, Cód. C III 2-20, f. 69v; Bibl. Nac. de Lisboa, Cod. Alc., Mod. 297 [ant. 485], ff. 110-111). Ver as respectivas (e bem imperfeitas) transcrições diplomáticas publicadas por Jeanette Schwerin-Abrabanel, *Magazin fuer die Wissenschaft des Judentums*, 1891, 135-139 e Joaquim de Carvalho, *Revista de Estudos Hebraicos*, 1928, 236-238 (reimpressa com pouco cuidado na *Obra Completa de Joaquim de Carvalho*, 3, Lisboa, 1982, 121-125). A minha leitura deriva do apógrafo de Lisboa, sendo as variantes com o apógrafo de Évora («E») assinaladas em notas de rodapé.

² E. «das enfermidades as medicinas».

³ Parentes por sangue ou afinidade.

⁴ E. «não se devem de».

⁵ E. «sete noites somente».

⁶ E. «começou de».

⁷ E. «temendo neste trabalho».

⁸ E. «para nele o poder».

⁹ E. «haver».

¹⁰ O autor atribui à palavra «padre» o sentido de sogro (distinguindo-o de «pai») e uma vez a «padres» o sentido de pais.

¹¹ E. «deveis de».

que dele houvestes. O que me muito aprouve. E pensei não repreender vosso grande nojo e áspero dó, mas mostrar evidentes razões por onde grande nojo deveis¹¹ haver. E todo o reino geralmente sua morte deve sentir, porque lembrando-nos o amor que vos tinha, e como o paternal dívido¹² era feito em sua vontade mui natural: amando-vos como a próprio filho, tratando-vos¹³ a grande senhor, confiando-se de vós como de¹⁴ irmão. E como em vossa ausência com mui principal amor e cordial suspiro em vós falava¹⁵, e mais que todas as coisas amava ouvir aquelas que de vós traziam lembrança: lembrando-vos isso mesmo o cuidado de seu espírito, quando fora do reino éreis. Onde quanto mais conhecia vosso esforço, tanto mais temia vosso perigo, os trabalhos e cuidados¹⁶ que por vossa honra recebia com paciência¹⁷. Certamente, Senhor, a lembrança destas coisas vos devem por sua morte causar mais sentimento, porque se amamos os padres por serem causa de nosso ser e pela obrigação que de seus benefícios e amor lhe devemos, a este padre por todos os respeitos não devemos menos estimar, nem seu falecimento nos deve menos doer que do próprio e carnal pai que nos gerou, mas muito mais, pois com menos inclinação de natureza tanto como ele vos amava. E pois conhecidas suas virtudes muito mais se deve de estimar seu falecimento a quem conheceu a autoridade de sua presença, e a graça e mansidão de seu estado, seu calar e guarda de segredos, que é uma virtude que muito convém aos senhores de a guardarem e de lha guardarem.

Lembre-vos a antiguidade e a sageza¹⁸ e boa esquença¹⁹ de sua cavalaria: quantos anos comportou as calmas dos verões [e os] frios e tempestades dos invernos com diversas batalhas de inimigos, pospondo todos os trabalhos, esquecendo todos os medos²⁰ com mui repousado esforço por serviço de Deus e del-Rei, e acrescentamento de seu nome.

Disse o Filósofo²¹ que a República era como um corpo animado. E bem assim como a dor ou perdimento de um membro sente todo o corpo e padece por causa dele, quanto o membro é mais nobre, é maior a dor ou perigo que se de seu dano segue. Assim o falecimento dos nobres que são os verdadeiros membros da terra, a todos pertence sua

¹² Parentesco por afinidade.

¹³ E. «tratando-vos como».

¹⁴ E. «como».

¹⁵ E. «com principal amor em vós falava».

¹⁶ E. «ora os cuidados e trabalhos».

¹⁷ E. «com tanta paciência».

¹⁸ Sabedoria, prudência.

¹⁹ Garbo.

²⁰ C. «todos medos».

²¹ Aristóteles.

dor e sentimento e todos recebem perda em seu falecimento. Pois, Senhor, se dos que parentes nem súbditos não são, é necessário sentirem sua morte, como vos podereis disso escusar, a quem por estes e por muitos respeitos de natureza e razão mais que a todos vos pertence. E posto, Senhor, que a humanidade sinta paixão da morte dos tais dívidos, não tem porém nisso²² justa querela, porque naturalmente segundo filosofia e pelo pecado de Adão segundo fé todos somos obrigados à morte, e dívida é assim obrigatória que não nos devemos agravar em pagá-la, porque como diz Séneca nos «Remédios Contra Fortuna», com esta condição entrei, que saísse. Nós recebemos esta alma e esta vida como almoxarifos, para darmos dela conta. E para a tomar não há tempo certo, mas quando quiser este Rei, cujos oficiais somos. Diz Séneca nas «Epístolas» que com a mesa posta havemos de esperar pela morte, como por hóspede. Se não vier ao jantar, virá à ceia. E assim de dia em dia. Porque como dizem os legistas, não há coisa tão certa como a morte e tão incerta como a hora em que há-de ser. E portanto na «Tragédia Primeira» diz: «a ninguém foi Deus tão favorável a quem promettesse um dia de vida». Mas a 38 de Isaías, que Séneca não viu, diz que prometeu a Ezequias sendo em artigo de morte 15 anos de vida. E deste só se lê que fosse certos anos seguro da morte. Nenhum outro teve tal privilégio. Porque a primeira coisa que Deus falou e mandou a Adão, logo foi sob pena de morte. E logo o ameaçou com ela, quando se achou nu e lhe houve Deus de dar vestiduras. E de peles de animais mortos o vestiu. De mortos vestimos, de mortos calçamos, de mortos comemos. Todos nossos exercícios são sobre fundamento de morte. Como nas maldições de Adão foi prometido, que terra era e que terra se havia de tornar.

Não temos logo querela da morte, pois faz o que deve. Nem menos se pode dizer que toma os homens desapercibidos, porque ela manda seus embaixadores. Diante vem a mancebia, tão perigosa²³ e fervente e tão vizinha da morte; a velhice trabalhosa e feia, as dores com tanta paixão e martírio. E tão parentas dela vêm as cãs, bandeiras da morte, como diz Túlio no «Livro da Velhice». A primeira hora (diz a Tragédia) que tivemos de vida, foi logo convertida em morte. E pois das coisas naturais não devemos tomar nojo, como da morte, que é mais natural que todas, se tomará²⁴? Mormente os que vão a melhor lugar que cá tinham, e por seus merecimentos esperam haver muito maior glória ante Deus do que neste mundo de trabalhos podiam ter prazer nem bem-aventurança, dos quais o Senhor Conde deve ser. E além de ser a

²² C. «por isso».

²³ C. «a mancebia perigosa».

²⁴ C. «se toma».

morte coisa justa ao corpo, é proveitosa à alma dos bons. E também a lembrança dela é remédio para muitos desconsolados, os quais se cuidassem que para suas desventuras não havia cabo nem fim, viveriam em muita penitência e perpétua desesperação, assim o diz Job. É também a morte freio para todos os vícios a quem dela tem contínua lembrança. «Lembra-te da morte» diz o Eclesiastes, «e não pecarás». Ensina Sócrates a desprezar as coisas do mundo, dizendo: «Se és rijo as doenças te enfraquecerão, e se homem de prol, lá vem a velhice que te fará feio; se rico, azougado é o dinheiro que foge asinha donde está; se de boa linhagem, isso é honra de teus parentes, e a eles louvas e não a ti. E ainda é louvor de homens mortos.» Aristóteles levou outra regra no primeiro de «Ética». Todos porém acharam a morte mui próprio meio para tirar inveja e cobiça e todos os outros vícios. Assaz é grande feito que o melhor e mais honrado rei e senhor do mundo há-de morrer como que não valha nada. E no primeiro da vida que é o nascer e no fim dela que é o morrer, todos os nascidos são iguais em que não há poder, ter nem valer.

Escreve-se que era costume em Pérsia quando novamente coroavam rei, entre suas honras e cerimónias vinha um pedreiro com certas maneiras de pedras e requeria-lhe perante todos de quais daquelas pedras queria que lhe fizessem a sepultura, porque no maior seu triunfo não lhe esquecesse a morte. E lembrando-se dela, todas aquelas coisas emprestadas por tão pouco tempo ligeiramente desprezasse.

Outros reis por este respeito costumavam ter nas suas mesas cabeças de homens mortos. Todos estes exemplos são escusados quando pelo olho vemos hoje morrer meu pai e ontem meu irmão e outro dia meu filho e meu amigo e amanhã morrerrei eu. Vedes que já outra coisa²⁵ não fica do Conde de Odemira, nem de quantos morrem, senão o nome²⁶ de seus feitos famosos²⁷ ao mundo por algum pouco tempo, e o merecimento de suas virtuosas obras ante Deus. Para que é logo nojo do que se cobrar não pode? Em vão é logo o sobejo sentimento²⁸ das perdas passadas. Lembrai-vos, Senhor, de vós mesmo, pois vedes estes jogos e fazei (como a Deus louvores fazeis) cabedal de vossa fama e consciência. Lembre-vos sua alma, pois tanto o amastes na vida e vos amava: que este é o maior e mais necessário benefício que lhe podeis fazer. Lembre-vos seus criados para acharem em vós sempre amparo e favor, e isto em maneira que fazendo bem a eles, não façais a vós mal,

²⁵ C. «Vedes já, Senhor, que».

²⁶ C. «senão a fama».

²⁷ C. «famosos feitos».

²⁸ C. «sentimento sobejo».

²⁹ Livros de assentos.

porque carga de gente é carga de pobreza e de pecados e cuidados, cansaço sem proveito. O que, Senhor, melhor sabeis que eu dizer posso, porque dos grandes e de nobre coração até à morte pertence trabalhar por acrescentar em seus estados²⁹, mormente no que justamente lhe pertence. Não é devida coisa³⁰ que alguma das coisas que o dito Senhor Conde vosso padre tinha deixeis por negligência; pois justo título em elas tendes, e graças a Deus sois delas merecedor e mui disposto para as bem governar como a serviço de Deus e del-Rei nosso Senhor e bem de vossa fama pertence. Pelo qual justamente e sem repreensão podeis e deveis requerer os adiantados³¹ que o dito Senhor tinha. E, sendo denegado, não deveis por isso tomar fadiga nem nojo, porque a honra nem a míngua vos fará bem pouca míngua. Procurai sossego e repouso por descanso de dez anos que há que vos não deixam trabalhos, e por consolardes aquelas senhoras que tanta tristeza ora têm, a quem vosso prazer é último remédio, e por criardes aqueles senhores que Deus faça tão grandes e discretos como seu pai e dê a glória a seu avô³².

³⁰ Correcto.

³¹ Cargos de governador de províncias e comarcas.

³² A primeira e a última folha do apógrafo da B.N. de Lisboa foram reproduzidas no catálogo da exposição evocativa dos 500 anos do decreto da supressão do judaísmo em Portugal (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1996, p. 14).